

# Sarney quer integração para evitar dependência

9 DEZ 1986

ESTADO DE SÃO PAULO

**BARTOLOMEU RODRIGUES**  
Enviado especial

Os presidentes José Sarney, do Brasil, e Raul Alfonsín, da Argentina, deram ontem na Serra de Carajás, no Sul do Pará, importante passo em direção a uma posição comum a respeito da dívida externa e da transferência de capital para o Exterior, ao discutirem o documento "Democracia, Paz e Desenvolvimento", que irá constar da ata de amizade dos dois países, a ser assinado amanhã em Brasília.

Textualmente, o documento não se refere à dívida externa, mas afirma que os ingredientes básicos da democracia — paz e justiça social — estão condicionados ao desenvolvimento econômico dos países devedores. Ele assume um caráter de importância, na avaliação de membros da comitiva dos presidentes, por se tratar de dois grandes devedores interessados na redução da remessa de lucros como forma de amortização da dívida, e às vésperas da reunião do Clube de Paris. Por isso, deve ser entendido como um recado aos credores.

## Reunião

Sarney e Alfonsín mantiveram a sua primeira reunião de trabalho no início da noite, numa mansão localizada no interior da selva amazônica, próximo à mina de ferro do Projeto Carajás. Do lado brasileiro da mesa de negociações sentaram-se três ministros: Abreu Sodré, das Relações Exteriores, Dilson Funaro, da Fazenda, e o general Rubens Bayma Delys, do Gabinete Militar. Igual número do lado argentino: Dante Caputo, do Exterior, Jean Sourrouille, da Economia, e Pedro Trucco, de Obras Públicas. Eles aproveitaram para detalhar os protocolos que serão assinados ao término da visita de Alfonsín ao Brasil — cerca de 18 — e estudar mecanismos para agilizar a execução dos que já foram assinados durante a ida de Sarney a Buenos Aires, em julho passado. Entre os novos protocolos, destacam-se quatro, nas áreas de siderurgia, indústria automobilística, transportes terrestres, comunicações e energia nuclear.

De acordo com um assessor do governo brasileiro, o primeiro balanço feito pelos presidentes Sarney e Alfonsín na reunião foi "extremamente otimista". Isto se refletiu na rápida entrevista que concederam aos jornalistas. "Estamos iniciando uma revolução, que vai permitir a integração latino-americana. Essa integração vai acabar com a depen-

dência externa excessiva", disse o presidente Sarney, ao lado de um Alfonsín muito sorridente, mas que preferiu ser cauteloso quando lhe perguntaram sobre a questão da dívida externa. "Estamos buscando soluções juntos", afirmou.

Durante a reunião, ficou acertado também que os documentos de integração devem ter um espírito "pragmático, realista e flexível", isto é, duradouros de forma a permitir que sejam levados adiante pelos sucessores dos atuais governantes. Dos 12 protocolos assinados em julho, em Buenos Aires, receberam a atenção dos presidentes o de bens de capital — que determina uma lista de produtos com alíquota alfandegária zero, para serem comercializados conjuntamente —, trigo e abastecimento alimentar. Sarney concordou em continuar adquirindo arroz e feijão argentinos, e em troca Alfonsín importará do Brasil banana e cacau em pasta.

## "Integração"

Ao desembarcar do Uno da Força Aérea Argentina no aeroporto de Carajás às 14h45, o presidente Raul Alfonsín ofereceu as duas mãos a Sarney, que o aguardava ao pé da escada, num gesto espontâneo simbolizando o desejo de integração dos dois países vizinhos. O calor era forte, de 35 graus, e foram dispensadas as formalidades cerimoniais. Apenas um pequeno grupo de oficiais da Aeronáutica deu um leve toque oficial ao desembarque do visitante.

Sarney, por sua vez, chegou a Carajás pontualmente às 14 horas, juntamente com os ministros Abreu Sodré, das Relações Exteriores, Dilson Funaro, da Fazenda, general Rubens Bayma Denis, do Gabinete Militar, além dos secretários Jorge Murad, da Assessoria Particular, Rubens Rico-pero, de Assuntos Internacionais, e Fernando César Mesquita, de Imprensa. Essa comitiva, mais tarde, se integrou à de Alfonsín, que tinha os ministros Dante Caputo, do Exterior, Jean Sourrouille, da Economia, e Pedro Trucco, de Obras Públicas.

As duas comitivas não perderam tempo no aeroporto, tomando dois ônibus especiais da Companhia Vale do Rio Doce (ambos com ar refrigerado) até o mirante da mina de ferro da Serra dos Carajás. Ali, diante de uma paisagem monumental de selva e tecnologia, os presidentes Sarney e Alfonsín descerraram uma placa marcando o acontecimento. Foi inscrito, em letras de bronze, que as instalações do projeto, naquela data, es-

tavam sendo visitadas pelos dois chefes de governo. Sarney interrompeu a cerimônia para posar ao lado de Alfonsín, a quem disse em voz alta, para que pudesse ser ouvido pelos jornalistas: "muito obrigado por ter vindo até aqui, presidente".

Do mirante, eles tomaram um roteiro mais pitoresco, fazendo de trem, um percurso de 30 quilômetros nos trilhos da estrada de ferro que leva o minério até o terminal da Ponta da Madeira, no Maranhão. Os presidentes ocuparam um vagão especial, com música a bordo, tomaram suco de frutas regionais e ouviram do presidente da Companhia Vale do Rio Doce, Raimundo Mascarenhas, explicações sobre os 680 quilômetros da ferrovia que corta os Estados do Pará e Maranhão. O destino era a pequena estação de Paraupabas, onde pouca gente estava concentrada, esperando as autoridades. Do ponto de vista técnico, o passeio seria perfeito, não tivesse os vagões das autoridades se desprendido da locomotiva quando esta se preparava para retornar à mina. O incidente, porém, foi contornado a tempo pelos funcionários da Vale do Rio Doce.

## Pressa

Além do calor intenso, o cerimonial do presidente Sarney estava com pressa, tornando praticamente impossível aos jornalistas retirarem de Alfonsín alguma manifestação sobre o que estava presenciando. O próprio Sarney, que já visitou Carajás quatro vezes, tratou de explicar pessoalmente o funcionamento do projeto, destacando a quantidade de ferro existente naquelas matas, suficiente para atender o mercado mundial por mais 400 anos, se mantiver o ritmo atual de exploração, de 15 milhões de toneladas-ano.

A primeira vista, Carajás representa pouco para a Argentina, que só se interessa pelo manganês usado na fabricação de pilhas eletrolíticas. No entanto, a Vale do Rio Doce acredita ser possível convencer os argentinos a se tornarem grandes compradores de ferro extraído na serra.

Os presidentes Sarney e Alfonsín embarcam hoje às 8h30 para Brasília no Boeing da Força Aérea Brasileira, depois de uma visita ao Parque Zoológico da reserva de Carajás, onde estão mais de mil espécies de animais ameaçados de extinção. Alfonsín vai plantar uma muda de corticeira (nativa da Argentina) ao lado de árvores amazônicas seculares.